



REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 10, Nº 2, 2º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

TOSCANEJADA SINA, CLANDESTINA AUTOESTRADA

Marcelo Calderari Miguel

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Nas ruas rachadas, a vida rasteja e lampeja
O pobre carrega o fardo, a alma que despeja.
Correntes invisíveis prendem o corpo ao chão,
Promessas vazias ressoam, mas caem no não.
O sol que queima o asfalto, as vozes são caladas,
Portas fechadas, mãos calejadas, enredadas.

No mercado de mentiras, o preço da carne é incerto,
Mas o suor do povo, pago em desespero, é tão certo.
Meninos sem infância, entre esquinas errantes,
Sonhos se desfazem, nas madrugadas vibrantes.
Nas palafitas, onde o lixo se mistura ao mangue,
A fome desenha sua arte, e a injustiça se vangloria, amarga.

Os trilhos da cidade são mapas de um destino esquecido,
Onde a injustiça passa, impune, destemida, sem ruído.
As grades de aço, forjadas com ouro e vaidade,
Quem clama por liberdade, é preso pela crueldade.
Na cúpula dourada, os destinos se vão enredar,
Para quem nunca conheceu a escola, ou a arte de sonhar.

O pão que alimenta uns, é o castigo de outros,
E a pátria se divide, entre fantoches e opressores rotos.

Mas onde há sofrimento, há chama que persiste,
O povo resiste, a dor não desiste.
Ergue-se das favelas, das margens rejeitadas,
Das vozes abafadas, que clamam, nunca caladas.